

## EXPERIÊNCIA COM EXU

### EXU EXPERIENCE

### EXU EXPERIENCIA

**Adson Rodrigues de Oliveira**

**Resumo:** Este texto é um relato de minha experiência que mudou significativamente a minha visão sobre o Orixá Exu, a partir dos meus estudos, como aluno especial do PPGER/Campus Sosígenes Costa, matriculado na disciplina Filosofia da Ancestralidade e Educação, ministrada pelo Professor Alexandre Oliveira Fernandes. Estes estudos, leituras e discussões em sala de aula me revelaram as inverdades construídas pelo colonizador europeu e pela Igreja católica contra as religiões de matriz africana e suas divindades, em um processo de dominação que gerou massacre de vidas e culturas, discriminação e preconceito que perduram até os dias de hoje. Isto não aconteceu sem resistência e Exu estava lá, na trincheira ou na encruzilhada movimentando e ecoando os gritos de liberdade. Cresci ouvindo as mentiras e mesmo militando nos movimentos sociais e consciente da imposição ideológica da classe dominante em vários aspectos, nesta singularidade, não havia associado a satanização de Exu com o sistema escravagista e de dominação. A desconstrução disto veio com estes estudos, gerando uma absoluta certeza de que me libertei das mentiras e me sinto mais fortalecido para lutar contra todo tipo de discriminação e preconceito, acreditando que a criminalização dos orixás e das religiões de matriz africana foi uma estratégia para imobilizar os negros, pobres, oprimidos e impedi-los de lutarem por justiça e liberdade.

**Abstract:** This text is an account of my experience that significantly changed my view of Orixá Exu, from my studies, as a special student of PPGER / Campus Sosígenes Costa, enrolled in the discipline Philosophy of Ancestrality and Education, taught by Professor Alexandre Oliveira Fernandes. These studies, readings and discussions in the classroom revealed to me the untruths constructed by the European colonizer and the Catholic Church against religions of African origin and their deities, in a process of domination that generated a massacre of lives and cultures, discrimination and prejudice that endure until today. This did not happen without resistance and Exu was there, in the trench or at the crossroads, moving and echoing the cries of freedom. I grew up listening to the lies and even militating in the social movements and aware of the ideological imposition of the ruling class in several aspects, in this singularity, I had not associated the Satanization of Exu with the system of slavery and domination. The deconstruction of this came with these studies, generating an absolute certainty that I got rid of lies and I feel more empowered to fight against all kinds of discrimination and prejudice, believing that the criminalization of orixás and religions of African origin was a strategy to immobilize blacks, poor, oppressed and prevent them from fighting for justice and freedom.

**Resumen:** Este texto es un relato de mi experiencia que cambió significativamente mi visión de Orixá Exu, desde mis estudios, como estudiante especial de PPGER / Campus Sosígenes Costa, inscrito en la disciplina Filosofía de la Ancestralidad y Educación, impartida por el profesor Alexandre. Oliveira Fernandes. Estos estudios, lecturas y debates en el aula me revelaron las falsedades construidas por el colonizador europeo y la Iglesia Católica contra las religiones de origen africano y sus deidades, en un proceso de dominación que generó una masacre de vidas y culturas, discriminación y prejuicios que perduran hasta los días de hoy. Esto no sucedió sin resistencia y Exu estaba allí, en la trinchera o en la encrucijada, moviéndose y haciendo eco de los gritos de libertad. Crecí escuchando las mentiras e incluso militando en los movimientos sociales y consciente de la imposición ideológica de la clase dominante en varios aspectos, en esta singularidad, no había asociado la satanización de Exu con el sistema de esclavitud y dominación. La desconstrucción de esto vino con estos estudios, generando una certeza absoluta de que me libré de las mentiras y me siento más capacitado para luchar contra todo tipo de discriminación y prejuicio, creyendo que la criminalización de los orixás y las religiones de origen africano era una estrategia para inmovilizar negros, pobres, oprimidos y les impiden luchar por la justicia y la libertad.

**Palavras-chave:** Experiência; Desconstrução; Exu.

**Keywords:** Experience; Deconstruction; Exu.

**Palabras claves:** Experiencia; Deconstrucción; Exu.

## INTRODUÇÃO

[...] consentiu em explicar que Exu presidia à magia, na grande revolta dos escravos contra o regime de opressão a que estavam submetidos, tornando-se o protetor dos negros (ROGER BASTIDE).<sup>1</sup>

Este relato faz parte da minha experiência como aluno especial do PPGER matriculado na disciplina Filosofia da Ancestralidade e Educação, ministrada pelo Professor Alexandre Oliveira Fernandes<sup>2</sup>. Trata-se de como o meu pensamento sobre Exu, divindade da religião de matriz africana, historicamente conceituado como maléfico, imagem construída pela Igreja Católica, foi desconstruído dentro de mim, a partir dos estudos, leituras e discussões que ocorreram em sala de aula. O Objetivo desse relato é de compartilhar a mudança do meu pensamento em relação a EXU e a quebra de paradigmas em minha vida acadêmica e profissional.

A educação realmente transforma, ela exerce um poder de revelação de tudo e daquilo que as forças que constroem imagens e verdades querem que acreditemos, é a versão do vencedor que controla a informação impondo regras, manipulando os fatos e a história. A visão dos colonizadores só será superada com uma educação de qualidade e com cidadãos e cidadãs de pensamentos livres de todas as mentiras construídas e inventadas para justificar um sistema que escravizou homens e mulheres destruindo culturas e povos.

Este é o sistema capitalista que na sua versão regional, implementou um modelo de “desenvolvimento” no Extremo Sul da Bahia, que gerou impactos econômicos, sociais, ambientais e culturais que afetaram drasticamente índios, negros e pobres desta região, gerando uma realidade de exclusão e mazelas sociais materializadas pela fome, violência, prostituição, desemprego, conflitos fundiários e destruição da mata atlântica, tudo para favorecer o agronegócio, a indústria do turismo e empresas de celulose, ainda hoje tentam convencer a população regional que estes pilares do capitalismo regional são os benfeitores da economia e os produtores do “progresso”.

---

<sup>1</sup> Extraído de O candomblé da Bahia, de Roger Bastide (2001, p. 162).

<sup>2</sup> ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES é Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB/Jequié) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Educação das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

## **METODOLOGIA**

O presente relato foi embasado nas aulas do componente Filosofia da Ancestralidade e Educação, sendo utilizado as discussões e leituras para a construção do mesmo. Para a apresentação usarei slides contando os pontos fundamentais do texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Negro, de família católica tradicional cresci ouvindo adjetivos pejorativos a respeito das religiões de matriz africana, transformando essas religiões em algo diabólico e seus adeptos como “macumbeiros”, “feiticeiros” e gente que mexe com magia negra. No centro de toda essa visão eurocêntrica, da satanização de Exu e dos outros orixás, estava o preconceito e o racismo construído por séculos de escravização, com a conivência da religião hegemônica que representava o branco colonizador e que em nome de Deus escravizavam, manipulavam informações e subjugavam povos e culturas. Eu assimilei este discurso ideológico sem compreender o significado desta construção que nas palavras de Pierre Verger, Exu “tem um caráter suscetível, violento. Irascível, astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente”, de modo que os “os primeiros missionários, espantados com como tal conjunto, assimilaram-no ao Diabo e fizeram dele o símbolo de tudo que é maldade, perversidade, abjeção e ódio, em oposição a bondade, pureza, elevação e amor de DEUS (Verger, 1999, pp.119). Essa identidade negativa de Exu ainda prevalece aos dias de hoje, ranço do preconceito e racismo estrutural ainda existente e agravado com o avanço das concepções cristãs e religiões evangélicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Custou-me entender, somente com os estudos deste componente curricular, que a imagem construída das religiões africanas e seus orixás estavam relacionados com o sistema político-econômico e social excludente implantado pelo colonizador e perpetuado até os dias de hoje, pelos herdeiros ideológicos do opressor. Percebi como sujeito que fui vítima de uma formação racista, conforme características de atitude racista, considerada por José Maria Nunes Pereira:

Como um conjunto de condutas, de reflexos adquiridos, exercidos desde a primeira infância através da família, da escola e da prática social em geral (Conceição, 2006, p. 56).

Entendendo que essa construção foi fruto da influência das orientações, visões e valores éticos cristãos a serviço dos colonizadores e escravagistas, comecei a compreender que a satanização de Exu estava intimamente ligada ao seu significado, força e resistência que

este Orixá representa para as religiões de matrizes africanas e para libertação do povo negro e dos oprimidos.

Acredito que Exu reflete a luta contra a dominação que o povo negro e os pobres em geral estão submetidos pelo sistema capitalista, ele é sinônimo de resistência, ele habita em cada um de nós, luta contra o mal e representa o conjunto de forças que permeiam as religiões de matriz africana, tanto que, sem Exu, nenhuma comunicação com o mundo espiritual é possível, e não há proteção para o terreiro. Como afirma Alexandre de Oliveira Fernandes, no artigo Espirais da linguagem de Exu: por uma filosofia do Òkòtó:

Para o Culto aos Orixás, não há linguagem sem Exu, é ele-mesmo-a-linguagem, a comunicação, o canal, a produção, a iteração e a diferença que dissemina os sentidos; bem como, é o responsável por fazer com que as energias se encontrem e encontrem o equilíbrio necessário à existência (2018, p.13).

O medo da resistência que Exu representa o transformou no Diabo dos judeus e cristãos, Exu, significa (re)construir a história de luta, resistência dos negros, dos pobres e dos oprimidos rumo a construção de uma nova sociedade. O verdadeiro mal representa o fascismo e todo sistema de opressão. Neste sentido, Exu tem um significado político nos terreiros, na defesa da vida e de combate aos males que assola a humanidade.

O significado de resistência de Exu pode ser, mesmo que simbolicamente, associado ao significado de Zumbi, como relaciona as professoras da Universidade Federal de Sergipe, Christina Bielinski Ramalho e Luciara Leite de Mendonça, em um trabalho que investiga a presença da figura de Zumbi dos Palmares no conto “A cabeça de Zumbi” (2009), de Alberto Mussa, buscando tanto compreender aspectos históricos e culturais nele presentes como explorar a associação entre a figura de Zumbi e a do orixá Exu:

Zumbi dos Palmares, um dos grandes líderes da história colonial brasileira, símbolo de resistência e busca pela liberdade, é um ícone da resistência negra à escravidão. Além disso, o herói dos Palmares é representativo expoente da luta contra o preconceito e as perversas condições a que os povos africanos foram submetidos na história do Brasil. Pela ampla dimensão de suas ações, que ultrapassam o registro histórico e ganharam dimensão simbólica, Zumbi.

A força mítica que é atribuída a Zumbi também traduz respeito e devoção, o que permite, igualmente, associações simbólicas que dialogam com a linguagem mística. No âmbito da religiosidade afro-brasileira, temos, em Exu, a figura emblemática do líder que busca resolver problemas e proteger a causa negra (Odeere: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN 2525- 4715. Ano 2, número 3, volume 3, Janeiro – Junho de 2017).

E foi assim, desvelando o meu olhar, decolonizando o meu pensamento que do temor passei a ver Exu como um ser sagrado que tudo sabe que pode ter preferência por este ou aquele, mas, que se distingue dos outros Orixás por seu movimento e por seu caráter transformador e revolucionário.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

VERGER, Pierre. Orixás: Deuses Iorubás na África e no novo mundo. 5 ed., Corrupio,1997.

CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira. África um novo olhar. 1 ed. –Rio de Janeiro, CEAP, 2006.

UESB, “Zumbi-Exu” e outras questões identitárias em “a cabeça de zumbi” Odeere: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – ISSN 2525- 4715. Ano 2, número 3, volume 3, janeiro – Junho de 2017.